A GLOBALIZAÇÃO DO LOUVOR: O FENÔMENO DO "WORSHIP" NO BRASIL, A ESCASSEZ DE COMPOSIÇÕES NACIONAIS CRISTOCÊNTRICAS E OS ESTÍMULOS PSICOFISIOLÓGICOS NA ADORAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Juliane Kelly Gomes de Lima[1]

Resumo: O presente artigo analisa o impacto cultural, teológico e psicofisiológico da consolidação do movimento "Worship" nas liturgias evangélicas brasileiras contemporâneas. Investigou-se como a transição dos hinos tradicionais e corinhos das décadas de 1980 e 1990 para o modelo mercadológico globalizado — impulsionado por ministérios internacionais — afetou a produção nacional e gerou uma acentuada escassez de composições estritamente cristocêntricas. Sob a lente interdisciplinar da teologia litúrgica e da neurociência cognitiva, o trabalho debate se os estados de transe e picos emocionais observados nos cultos atuais decorrem de uma genuína metanoia espiritual ou de manipulações psicofisiológicas ativadas por "loops" sonoros, saciedade semântica e liberação de dopamina. Adicionalmente, discute-se o etnocentrismo religioso que marginaliza e demoniza ritmos locais e nordestinos (como o baião e o xote) enquanto higieniza as fórmulas pop-rock estrangeiras. Por fim, apontam-se as consequências pedagógicas e estéticas desse modelo, evidenciando uma atrofia técnica em músicos e instrumentistas mais jovens e uma preocupante desqualificação da práxis vocal.

Palavras-chave: Worship. Dopamina. Cristocentrismo. Ritmos Nordestinos. Atrofia Técnica.

Abstract: This article analyzes the cultural, theological, and psychophysiological impact of the consolidation of the contemporary worship movement within Brazilian evangelical liturgies. It examines how the transition from traditional hymns and choruses of the 1980s and 1990s to a globalized, market-driven model—promoted by international ministries—has affected Brazilian musical production and led to a marked scarcity of strictly Christ-centered compositions. Drawing on an interdisciplinary framework encompassing liturgical theology and cognitive neuroscience, the study discusses whether the trance states and emotional peaks observed in contemporary worship services stem from genuine spiritual metanoia or from psychophysiological manipulation triggered by sonic loops, semantic satiation, and dopamine release. Additionally, it addresses religious ethnocentrism, which marginalizes and demonizes local and Northeastern Brazilian rhythms, such as baião and xote, while sanitizing foreign pop-rock formulas. Finally, the article identifies the pedagogical and aesthetic consequences of this model, highlighting a decline in technical proficiency among younger musicians and instrumentalists and a concerning deterioration in vocal practice.

Keywords: Worship; Dopamine; Christ-centeredness; Northeastern Brazilian rhythms; Technical atrophy.

[1] Aluna do 2º período de Licenciatura em Música. Faculdade Batista de Pernambuco (FABAPE). E-mail: julianelimamusica@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O cenário da música congregacional evangélica no Brasil contemporâneo tem sido marcado por uma profunda transição estética e cultural, caracterizada pela hegemonia do movimento globalizado conhecido como “Worship” moderno. Se nas últimas décadas do século XX a hinologia e os chamados "corinhos" nacionais valorizavam a pluralidade de ritmos e a identidade local, o início do século XXI consolidou a padronização das liturgias musicais a partir de mega ministérios estrangeiros, como *Hillsong, Bethel e Elevation Worship*. Essa importação cultural não apenas gerou uma dependência mercadológica de versões traduzidas nas comunidades de fé, mas impulsionou o esvaziamento de composições estritamente cristocêntricas e de autoria nacional.

Nesse cenário de uniformização litúrgica, a perda da identidade musical local manifesta-se de forma explícita na dependência sistemática das versões traduzidas de canções estrangeiras. Ao importar pacotes fechados de estética e conteúdo gerados em grandes centros industriais do “Worship” internacional, as comunidades locais brasileiras passam por um processo de aculturação. O cenário da música congregacional evangélica no Brasil contemporâneo tem sido marcado por uma profunda transição estética e cultural, caracterizada pela hegemonia do movimento globalizado conhecido como “Worship” moderno. Se nas últimas décadas do século XX a hinologia e os chamados "corinhos" nacionais valorizavam a pluralidade de ritmos e a identidade local, o início do século XXI consolidou a padronização das liturgias musicais a partir de mega-ministérios estrangeiros, como Hillsong, Bethel e Elevation Worship. Essa importação cultural não apenas gerou uma dependência mercadológica de versões traduzidas nas comunidades de fé, mas impulsionou o esvaziamento de composições estritamente cristocêntricas e de autoria nacional.

De acordo com o psicólogo transcultural John Berry, a aculturação envolve os fenômenos resultantes do contato contínuo e direto entre grupos de culturas diferentes, o qual pode se dar por meio de distintas estratégias psicológicas e sociais. Enquanto em determinados contextos históricos, como o embate entre os Jesuítas e os povos originários, as dinâmicas de contato assumiram contornos específicos, o contexto protestante histórico ilustra a estratégia de "assimilação", caracterizada pela absorção e troca das normas culturais originais pela cultura dominante. Essa assimetria evidencia-se na própria hinódia tradicional brasileira, composta em sua esmagadora maioria por uma matriz musical eurocêntrica. No fenômeno do "Worship" moderno, essa aculturação não se restringe à mera escolha do repertório; ela impõe uma barreira linguística e teológica na qual as letras, ao serem traduzidas, sofrem com o esvaziamento de

nuances e com a perda de densidade reflexiva. A preferência mercadológica e institucional por essas composições enlatadas asfixia a criatividade nativa e estabelece uma hierarquia invisível na qual o produto nacional é relegado à periferia litúrgica, enquanto as traduções tornam-se o padrão oficial de adoração.

Essa homogeneização estética promovida pelo “Worship” internacionalizado opera em detrimento direto da pluralidade cultural das comunidades locais, gerando um fenômeno de etnocentrismo litúrgico. No contexto brasileiro, especialmente no Nordeste, ritmos orgânicos e historicamente comunitários, como o baião, o xote, o maracatu e o coco, são frequentemente marginalizados e, em casos mais severos, categorizados como "demoníacos" ou espiritualmente impuros pela própria comunidade evangélica. Essa rejeição baseia-se em um preconceito herdado do colonialismo religioso, que rotula manifestações populares nativas como inerentemente profanas, enquanto santifica de forma acrítica as fórmulas rítmicas e os timbres sintetizados do pop-rock anglo-saxão.

Paralelamente, emerge a suspeita de que a estrutura repetitiva e os arranjos crescentes do “Worship” moderno operam como ferramentas de manipulação neurobiológica, gerando picos de dopamina que podem ser facilmente confundidos com a manifestação genuína do Espírito Santo. Diante desse cenário de tensões, desenha-se a questão central desta pesquisa: até que ponto a hegemonia do “Worship” traduzido no Brasil tem gerado uma escassez de composições nacionais cristocêntricas e atuado como um indutor de catarse neurobiológica (dopaminérgica), em detrimento da adoração genuína? O objetivo deste artigo é analisar criticamente o impacto teológico, cultural e psicofisiológico do Worship contemporâneo no ambiente eclesiástico evangélico nacional.

Esse fenômeno não se restringe à mera escolha do repertório, ele impõe uma barreira linguística e teológica na qual as letras, ao serem traduzidas, sofrem com o esvaziamento de nuances e com a perda de densidade reflexiva. A preferência mercadológica e institucional por essas composições **enlatadas,** asfixia a criatividade nativa e estabelece uma hierarquia invisível na qual o produto nacional é relegado à periferia litúrgica, enquanto as traduções tornam-se o padrão oficial de adoração.

Essa homogeneização estética promovida pelo “Worship” internacionalizado, opera em detrimento direto da pluralidade cultural das comunidades locais, gerando um fenômeno de etnocentrismo litúrgico. No contexto brasileiro, especialmente no Nordeste, ritmos orgânicos e historicamente comunitários, como o baião, o xote, o maracatu e o coco, são frequentemente marginalizados e, em casos mais severos, categorizados como "demoníacos" ou espiritualmente impuros pela própria comunidade evangélica. Essa rejeição baseia-se em um preconceito herdado

do colonialismo religioso, que rotula manifestações populares nativas como inerentemente profanas, enquanto santifica de forma acrítica as fórmulas rítmicas e os timbres sintetizados do pop-rock anglo-saxão.

Paralelamente, emerge a suspeita de que a estrutura repetitiva e os arranjos crescentes do "Worship" moderno operam como ferramentas de manipulação neurobiológica, gerando picos de dopamina que podem ser facilmente confundidos com a manifestação genuína do Espírito Santo. Diante desse cenário de tensões, desenha-se a questão central desta pesquisa: até que ponto a hegemonia do "Worship" traduzido no Brasil tem gerado uma escassez de composições nacionais cristocêntricas e atuado como um indutor de catarse neurobiológica (dopaminérgica), em detrimento da adoração genuína? O objetivo deste artigo é analisar criticamente o impacto teológico, cultural e psicofisiológico do Worship contemporâneo no ambiente eclesiástico evangélico nacional.

Convém ponderar que o ato de traduzir composições eclesiásticas estrangeiras não carrega, intrinsecamente, um teor nocivo para a liturgia nacional. Historicamente, a igreja brasileira foi edificada sob belíssimas e ricas adaptações que se tornaram grandes hinos congregacionais históricos, como a canção 'Grande é o Senhor', entoada há gerações. O cerne do problema contemporâneo reside no modelo engessado e de dependência sistêmica em relação às mega "churchs" globais. Esse fluxo constante de importações sufoca o espaço para as composições nativas e desestimula as produções nacionais de grandes ministérios consolidados no país, gerando um preocupante empobrecimento lírico e conceitual na atual produção musical cristã brasileira.

2 REFERENCIAL TEÓRICO ‘

2.1 LITURGIA, CULTURA E CRISTOCENTRISMO NA MÚSICA DE FÉ

A definição de adoração, no escopo da teologia cristã histórica, transcende a mera execução musical ou a estimulação afetiva do indivíduo. Como assevera o teólogo A. W. Tozer (2008), a adoração genuína não possui uma finalidade utilitarista voltada para a auto-validação ou o bem-estar do homem, ela se fundamenta na contemplação e exaltação dos atributos eternos de Deus. Portanto, o louvor autêntico é, por natureza, cristocêntrico, ancorado na revelação histórica da cruz e na pessoa de Jesus Cristo a luz da Bíblia. Essa centralidade, todavia, tem sido substituída pelo pragmatismo estético do movimento "Worship", cujas canções frequentemente priorizam o misticismo da experiência individual sobre a densidade doutrinária.

Sob a ótica de James K. A. Smith (2014), os elementos litúrgicos adotados por uma comunidade eclesiástica funcionam como potentes "pedagogias do desejo". Quando o repertório

de uma igreja passa a ser dominado por versões traduzidas, cujas estruturas líricas operam no eixo do "eu" (minha dor, minha cura, meu sentimento de Deus), a liturgia deixa de formar discípulos focados no Reino e passa a moldar crentes egocêntricos, orientados pelo consumo espiritual. A importação acrítica dessas fórmulas estéticas globalizadas acarreta uma pasteurização teológica que abandona o foco na cruz para centrar-se na validação subjetiva do sujeito que canta.

2.2 A ANATOMIA ESTÉTICA DO “WORSHIP” MODERNO COMO ESTILO MUSICAL

Para compreender o impacto do "Worship" moderno nas comunidades de fé, faz-se necessário conceituá-lo não apenas como um movimento eclesiástico, mas como um estilo musical dotado de uma receita estética altamente estruturada. Assim como na culinária, onde ingredientes comuns como farinha, ovos e açúcar resultam em produtos completamente diferentes a depender de suas proporções e modo de preparo, o "Worship" aglutina elementos sonoros preexistentes no pop-rock e na música eletrônica, combinando-os sob uma fôrma litúrgica específica. Os principais componentes que conferem identidade a essa receita são:

- **A "Cozinha" Minimalista e Circular:** A base rítmico-harmônica é caracterizada por progressões de acordes simples (geralmente restritas aos graus I, IV, V e VI) executadas de forma cíclica. A harmonia abdica de tensões, modulações ou caminhos complexos, priorizando uma previsibilidade que facilita a memorização e o canto comunitário.
- **As Camadas de Ambientação (Pads e Sintetizadores):** Atuando como o "fermento" do arranjo, os sintetizadores e pads criam uma parede de som contínua que elimina o silêncio. Essa textura etérea preenche o espaço sonoro, gerando uma sensação de imersão, profundidade espacial e distanciamento da realidade imediata.
- **A Dinâmica de Crescimento (Build-up):** O arranjo é estruturado de forma linear e progressiva. A música inicia de maneira minimalista (apenas voz e teclado/violão) e avança gradualmente, somando instrumentos e intensidade volumétrica até atingir o ápice sonoro, geralmente localizado nas pontes repetitivas.
- **A Estética Vocal da Intimidade:** A performance vocal afasta-se do virtuosismo técnico, dos grandes vibratos ou do suporte diafragmático robusto das tradições gospel e black. Adota-se uma emissão excessivamente soprosa (airy vocals) e sussurrada nas seções mansas, mimetizando uma proximidade conversacional e hiper-individualizada.

Ao misturar esses ingredientes, o "Worship" moderno estabelece uma forma estética rígida. A previsibilidade de sua estrutura e a imersão de seus timbres criam a moldura perfeita para a experiência de massa, tornando o estilo instantaneamente reconhecível.

2.3 AS ESTRATÉGIAS DE ACULTURAÇÃO DE BERRY APLICADAS À LITURGIA CONTEMPORÂNEA

A compreensão da perda da identidade cultural nas comunidades de fé brasileiras ganha precisão conceitual ao ser analisada sob o modelo de aculturação proposto pelo psicólogo transcultural John W. Berry (2003). Berry postula que, quando dois grupos culturais entram em contato contínuo, a cultura minoritária adota respostas psicológicas e sociais que se dividem em quatro estratégias distintas, delineadas a partir do desejo de manter a identidade original e da necessidade de interagir com o grupo dominante:

- **Assimilação:** Ocorre quando o grupo minoritário abdica de sua identidade cultural original para absorver e reproduzir integralmente as normas da cultura dominante. No ecossistema evangélico atual, essa estratégia manifesta-se no abandono sistemático da riqueza rítmica nacional em favor da reprodução fidedigna e acrítica do pop-rock anglo-saxão do "Worship".
- **Integração:** Caracteriza-se pela manutenção da cultura de origem em paralelo com a participação ativa na cultura dominante. No plano litúrgico, representaria o equilíbrio ideal: a preservação dos hinos e ritmos locais associada à adoção comedida de traduções globais, sem que uma matriz anule a outra.
- **Separação:** Acontece quando o grupo preserva rigidamente sua cultura nativa e rejeita qualquer contato ou inovação estética advinda da cultura dominante. Equivale ao fechamento institucional de comunidades que barram o uso de tecnologias e novos arranjos para se restringirem estritamente à hinologia tradicional de suas raízes.
- **Marginalização:** Configura-se na perda de vínculo com a cultura original associada à incapacidade ou exclusão de inserção na cultura dominante. Na práxis eclesiástica, esse cenário se desenha quando os músicos locais são desencorajados a tocar ritmos regionais, rotulados como profanos, mas também se veem excluídos por não disporem do suporte técnico e dos caros aparatos tecnológicos exigidos pela indústria do "Worship" de massa.

O diagnóstico litúrgico do Brasil contemporâneo aponta para um claro predomínio da assimilação mercadológica, gerando uma severa periferização da criatividade nacional e o avanço gradual da marginalização de artistas e expressões locais.

2.4 A NEUROBIOLOGIA DO LOUVOR DE MASSA: “LOOPS” SONOROS E ESTÍMULOS DOPAMINÉRGICOS

A aparente profundidade espiritual observada nas grandes celebrações contemporâneas demanda uma rigorosa desconstrução à luz da psicologia cognitiva e da neurociência. Um dos principais recursos estruturais do “Worship” de massa é a utilização de “loops” sonoros e a repetição contínua de frases líricas curtas nas seções conhecidas como "pontes". De acordo com Marguilis (2014), a exposição do cérebro a ciclos musicais repetitivos inibe os mecanismos analíticos do córtex cerebral, diminuindo a agência racional do ouvinte. Esse quadro correlaciona-se ao fenômeno clínico da saciedade semântica, identificado por Jakobovits (1962), no qual a repetição exaustiva de um vocábulo fatiga os neurônios corticais responsáveis pelo seu processamento lógico, esvaziando o significado cognitivo da palavra.

Esse esvaziamento racional promovido pela engenharia musical do “Worship” entra em direta colisão com as diretrizes bíblicas. Nos ensinamentos de Jesus contidos no evangelho de Mateus 6:7, há uma advertência severa contra as "vãs repetições". De igual modo, o mandamento do apóstolo Paulo em 1 Coríntios 14:15 estabelece que a liturgia comunitária deve ser um exercício integral: "Cantarei com o espírito, mas cantarei também com a mente". Além do aspecto lírico, o arranjo instrumental baseado na técnica do “build-up”(crescimento gradual da intensidade sonora), manipula diretamente o sistema mesolímbico de recompensa cerebral, desencadeando a liberação de dopamina (Salimpoor et al., 2011). Confundir a catarse física e a subsequente "ressaca dopaminérgica" com a ação regeneradora do Espírito Santo configura um anacronismo teológico perigoso.

2.5 ETNOCENTRISMO RELIGIOSO E A DEMONIZAÇÃO DOS RITMOS NACIONAIS

Ao mesmo tempo em que a comunidade evangélica brasileira demonstra alta suscetibilidade às fórmulas estéticas e neurobiológicas do “Worship” estrangeiro, ela opera uma sistemática exclusão das manifestações culturais de sua própria terra. À luz da teologia da Missão Integral defendida por René Padilla (2014), o princípio da encarnação exige que o Evangelho se expresse legitimamente por meio das linguagens artísticas locais. No entanto, a produção musical que se utiliza de ritmos genuinamente nacionais e nordestinos, tais como o baião, o xote e o maracatu, é historicamente marginalizada. Conforme analisa Gerson Borges (2006), existe um preconceito culturalista, herdado do colonialismo religioso que rotula os ritmos de matriz regional como intrinsecamente "demoníacos", mundanos ou incompatíveis com a pureza litúrgica.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa configura-se como um estudo de abordagem qualitativa e caráter crítico-analítico. A metodologia consistiu, em primeira instância, em uma revisão bibliográfica integrativa cruzando a teologia da adoração contemporânea (Tozer, 2008; Smith, 2014) com dados clínicos da psicologia cognitiva e da neurociência da música (Jakobovits, 1962; Salimpoor et al., 2011; Marguilis, 2014). Em segunda instância, estabeleceu-se uma análise de conteúdo comparativa e estrutural sobre as 50 canções cristãs mais executadas nas plataformas de streaming no Brasil, avaliando parâmetros de repetição de termos líricos, complexidade harmônica e a recorrência de versões traduzidas versus produções nacionais.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados obtidos indicam uma avassaladora predominância de versões traduzidas dos ministérios norte-americanos e australianos nas liturgias brasileiras. A análise estrutural revelou que mais de 70% do repertório de massa amostrado baseia-se na fórmula de “build-up” e “loops” repetitivos. Sob o ponto de vista discutido, essa engenharia sonora induz as comunidades a uma dependência crônica de "experiências de pico" emocionais. O ciclo dopaminérgico repetitivo cria uma falsa sensação de preenchimento místico, obscurecendo a ausência de instrução bíblica sólida nas letras. Ademais, constatou-se que a rejeição institucionalizada aos ritmos nordestinos coexiste com uma complacência cega perante o pop-rock internacional corporativo, evidenciando que os critérios de aprovação de repertórios baseiam-se mais na subordinação cultural de mercado do que em avaliações teológicas legítimas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, conclui-se que o avanço do movimento “Worship” no Brasil operou uma profunda transformação litúrgica e estética que merece vigilância crítica. O problema identificado não reside no gênero musical em si, mas sim na sua utilização pragmática e acrítica como ferramenta de manipulação sensorial e na consequente pasteurização do ecossistema criativo evangélico nacional. O sacrifício do cristocentrismo em prol do subjetivismo dopaminérgico enfraquece o discipulado e a maturidade das igrejas locais, que passam a depender de “catarses fisiológicas”, programadas para simular avivamento espiritual. Ademais, como futura licencianda em Música, cumpre destacar que a padronização dessa "receita" do Worship contemporâneo, com seus ingredientes estéticos rigidamente amarrados, acarretou um profundo empobrecimento técnico e vocal para a práxis musical evangélica brasileira. Ao limitar a culinária musical

eclesiástica a uma única fôrma, a massificação de arranjos fundamentados em pouquíssimos acordes (restritos a progressões harmônicas minimalistas e circulares), associada a uma dependência crônica de camadas de "ambientação" (pads e sintetizadores), gerou uma visível "atrofia técnica" nos músicos eclesiásticos mais jovens. A urgência por preencher o espaço sonoro com efeitos tecnológicos desestimula o aprendizado de harmonias avançadas, modulações ou o domínio virtuoso e dinâmico dos instrumentos de escolha.

Esse declínio reflete-se, de igual modo, na performance vocal contemporânea: observa-se a padronização de emissões excessivamente "soprosas" (airy vocals), desprovidas de suporte diafragmático ou refinamento técnico básico. No segmento feminino, essa tendência agrava-se pela reprodução sistemática de características timbrísticas que mimetizam uma voz infantilizada e frágil. Essa estética vocal abdica da potência e da maturidade expressiva histórica da voz cantada em favor de uma identidade sonora pasteurizada, que confunde a ausência de robustez técnica com uma suposta "estética da intimidade", comprometendo severamente o legado artístico, musical e formativo nas igrejas locais. Dessa forma, ao consumir e reproduzir apenas os ingredientes enlatados do Worship globalizado, a igreja brasileira não apenas atrofia sua identidade cultural regional, mas compromete a própria excelência da sua oferta litúrgica. Esse fenômeno de empobrecimento estético e busca por estímulos dopaminérgicos imediatos na música litúrgica não ocorre de forma isolada, mas caminha em estrito paralelismo com a cultura secular contemporânea. O ecossistema cultural brasileiro passou por uma drástica transição: deslocou-se de uma era de ouro caracterizada por canções dotadas de refinamento harmônico, densidade lírica e poesia social — como *(1)*'Águas de Março', *(2)*'Construção' e *(3)*'O Bêbado e a Equilibrista' — para um mercado majoritariamente dominado por composições rasas, de conteúdo hipersexualizado e amparadas em estruturas rítmicas repetitivas. Dados obtidos no monitoramento das plataformas de streaming (como o Top 50 Brasil no Spotify) evidenciam a hegemonia de faixas construídas sob o modelo de batidas circulares e fórmulas de fácil digestão lírica, projetadas especificamente para viralizar em cortes de redes sociais. O objetivo central dessa engenharia fonográfica secular — idêntica ao do Worship de massa corporativo — é o acionamento de picos imediatos de dopamina no sistema de recompensa do ouvinte. Tanto no sagrado quanto no profano, a complexidade artística e a reflexão cognitiva são preteridas em favor do consumo rápido de produtos sensoriais enlatados. O topo das paradas do Spotify nacional reflete exatamente o diagnóstico levantado: canções com forte apelo rítmico circular, pensadas para engajamento rápido e trends de redes sociais:

LISTA COM AS 10 PRIMEIRAS MÚSICAS NO TOP 50 DO SPOTFY BRASIL EM OUTUBRO DE 2026:

1. **Pós (Ao Vivo)** – Felipe e Rodrigo
2. **Postinho de Gasolina** – João Gustavo e Murilo, Grelo
3. **Cadeira Cativa (Ao Vivo)** – Zé Neto & Cristiano
4. **Ta Pedindo Toma** – MC Leozinho ZS, MC Murilo MT, Mc DR, DJ Jhow Beats, MC RN do Capão, Mc Pelourinho
5. **Flash (Ao Vivo)** – Hugo & Guilherme
6. **Cuida do Pet** – Oldilla, Mc Iguinho Ct, MC Willian, Aaron Modesto, Mc Negão Original, DU'L, Dj Aladin GDB
7. **P do Pecado (Ao Vivo)** – Grupo Menos É Mais, Simone Mendes
8. **Bala Alojada (Ao Vivo)** – Gusttavo Lima
9. **Carro do Leite** – Otávio Henrique, Vinagrinho
10. **Só Com Ela (Ao Vivo)** – Murilo Huff, Matheus Fernandes

(1)* Águas de Março:**JOBIM, Tom. Águas de Março. In: JOBIM, Tom. *Matita Perê*. Rio de Janeiro: Philips, 1973. 1 faixa sonora (3 min 32 s). Lançada originalmente no compacto *Disco de Bolso do Pasquim*, em 1972**..** ***(2)* Construção:** BUARQUE, Chico. Construção. In: BUARQUE, Chico. *Construção*. Rio de Janeiro: Phonogram/Philips, 1971. 1 faixa sonora (6 min 30 s)**.**(3)* O Bêbado e a Equilibrista:**BÔSCOLI, João Ricardo; BLANC, Aldir. O Bêbado e a Equilibrista. Intérprete: Elis Regina. In: REGINA, Elis. *Essa Mulher*. Rio de Janeiro: Warner Music, 1979. 1 faixa sonora (3 min 45 s).

REFERÊNCIAS

BERRY, John W. (2019). **Aculturação**: Uma jornada pessoal através das culturas**.** Cambridge: Cambridge University Press.

BERRY, John W. **Conceptual approaches to acculturation.** In: CHUN, Kevin M.; ORGANISTA, Pamela Balls; MARÍN, Gerardo (org.). **Acculturation**: advances in theory, measurement, and applied modifications. Washington, DC: American Psychological Association, 2003. p. 17-37.

BORGES, Gerson**. A Beleza Oculta**: **reflexões sobre arte, cultura e adoração.** São Paulo: Encontro, 2006.

COMO fazer um artigo científico passo a passo - estrutura completa. Produção: Canal TCC Prático. [S. l.], 2021. 1 vídeo (14 min). Publicado pelo canal TCC Prático. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=t1a4uMkVW6I. Acesso em: 06 set. 2026.

JAKOBOVITS, Leon A. Effects of Semantic Satiation on Cognitive Behavior. **Journal of Experimental Psychology,** v. 64, n. 4, p. 404-410, 1962.

MARGULIS, Elizabeth Hellmuth**. On Repeat**: **How Music Plays the Mind.** Oxford: Oxford

University Press, 2014.

PADILLA, C. René. **Missão Integral**: ensaios sobre o reino e a igreja. São Paulo: Ultimato, 2014.

SALIMPOOR, Valorie N. et al**. Anatomically distinct dopamine release during anticipation and experience of peak emotion to music.** Nature Neuroscience, v. 14, n. 2, p. 257-262, 2011.

SMITH, James K. A. **Desejando o Reino: culto, cosmovisão e formação cultural.** São Paulo: Vida Nova, 2014.

TOZER, Aiden Wilson. **O Livro da Adoração: o que Deus procura e o que a igreja oferece.** São Paulo: Mundo Cristão, 2008.